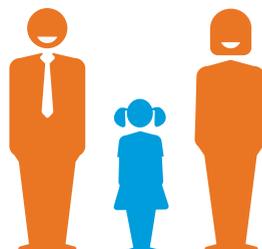


Itaú Unibanco



Adoção



Índice

Introdução	5
Adoção, um ato de amor.....	6
Ajuda necessária.....	7
Motivos para adotar	8
Nasce um pai, uma mãe, uma família	8
Gestação afetiva.....	9
Quem pode adotar.....	10
Planejamento.....	11
Devagar e sempre: o desafio da escola	12
Uma nova grande família.....	12
A “síndrome do coitadinho”	13
Como lidar com crianças com necessidades especiais.....	14
Novas configurações familiares	17
A história de Hália.....	17
A história de Suzana	18
Perguntas mais frequentes.....	20
Projetos, grupos e links úteis.....	23
Hora da pipoca	25
Para ler antes e durante.....	27
Passo a passo da adoção	28



Introdução

Como nasce uma família?

Engana-se quem respondeu no momento do parto, porque essa não é a única forma.

Acredite: laços de afeto e amor podem ser ainda mais fortes do que os de sangue. Esse é o exemplo da adoção. Dia após dia, mitos e preconceitos ficam mais distantes dessa prática. Grupos de apoio e pessoas famosas jogam luz sobre o assunto, o que só ajuda a desmistificar o tema.

Esta cartilha foi elaborada para ajudar a esclarecer e afastar possíveis medos que ainda possam existir.

Foram consultados alguns dos melhores especialistas do país e há duas histórias inspiradoras.

Conheça e compartilhe.

Um ato de amor

Nos últimos dez anos, uma revolução cultural, sutil e silenciosa, mudou a maneira de encarar a adoção no Brasil. Como o assunto passou a ser tratado mais abertamente (por pais, educadores e meios de comunicação), muitos dos mistérios e preconceitos vêm diminuindo e alguns até desapareceram. Atualmente, adotar ganhou uma característica ainda maior do que a realização do sonho da maternidade e paternidade.

Se antes o que impulsionava os casais era puramente a impossibilidade de gerar filhos biológicos, agora a vontade de dar uma família a uma criança é o que move boa parte das pessoas à adoção. A psicóloga Maria Tereza Maldonado, autora do livro “Caminhos do coração”, compara o adotante de ontem e de hoje. “É como se eles dissessem: 'Não só quero apenas uma criança para mim, quero também dar uma família a ela’”.

Esse novo olhar, solidário e consciente, a respeito dos pequenos que precisam de uma família, vem motivando casais quem já têm filhos biológicos a adotar outros. O resultado é um novo fenômeno social: as famílias mistas, com irmãos biológicos e adotados convivendo em harmonia.

A psicóloga Maria Tereza diz que esse fenômeno gera ainda uma mudança no perfil dos pais adotivos. Antes, a maioria deles só queria adotar bebês com menos de um ano e boa parte preferia crianças com tipo físico semelhante ao da família. “Por isso, os maiores de 2 anos ficavam nos abrigos eternamente. Os que não se pareciam com as famílias que aguardavam na fila da adoção também continuavam esperando. Às vezes, para sempre”, diz Maria Tereza.

As famílias passaram a adotar crianças mais velhas, inclusive adolescentes e grupos de irmãos biológicos, para não separá-los.

Outra mudança importante de comportamento: antes, muitos transformavam a adoção em um segredo inconfessável. Campanhas de conscientização e até adotantes famosos, como Angelina Jolie e Madonna, ajudaram a rever esse padrão de comportamento no Brasil e no mundo. “Passou-se a considerar necessário dizer ao filho muito cedo que ele foi escolhido pela família. O que dá à criança a noção de que o fator biológico não é mais importante e deixa claro que a essência da maternidade ou paternidade é constituída de amor e disponibilidade”, reflete Maria Tereza.

A mentira que as famílias mantinham, muitas vezes durante toda a vida, era motivada pelo medo do



abandono. O temor da criança procurar os pais biológicos e nunca mais voltar. E também, em parte, para proteger a criança da “vergonha” de descobrir que “não saiu da barriga da mãe”. Ao longo dos anos, os estudos mostraram que, quando sabem desde cedo a verdade, os pequenos se sentem acolhidos e mais comprometidos com a família. Podem ter curiosidade de descobrir os pais biológicos, mas não pensam em abandonar a família.

Ajuda necessária

Campanhas ajudam a romper mitos e preconceitos. Um bom exemplo é o trabalho da ONG Terra dos Homens (<http://www.terradoshomens.org.br/pt-BR/>), que já ajudou milhares de crianças, adolescentes e famílias.

Eles coordenaram uma campanha eficaz de conscientização para mudar a “cultura da adoção” no Brasil. A ideia do programa pode ser resumida assim: adotar não é só buscar um filho que não posso ter, mas oferecer uma família para uma criança que não a tem.

A cultura brasileira da adoção passa por mudanças positivas. A mais recente foi a quebra de tabu sobre a adoção de crianças por casais homoafetivos. “Se antes havia um preconceito geral na sociedade, hoje criticar esse tipo de adoção passou a ser visto como inaceitável. As mudanças são positivas”, diz a psicóloga Maria Tereza Maldonado.

Motivos para adotar

Carência? Medo da solidão? Cuidado para não cair nessas armadilhas

Quem não consegue ter filhos biológicos naturalmente pode optar por tratamentos de reprodução assistida, mas ainda assim alguns não obtêm sucesso nessa alternativa, e a adoção pode ser um caminho para a realização do sonho da maternidade/paternidade.

Inconscientemente, boa parte das mulheres e homens, em algum momento da vida, têm ímpetos de cuidar, criar, educar e participar do crescimento de outro ser. Nesse desejo não está incluída, necessariamente, a vontade de gerar biologicamente o ser que será criado.

Seja qual for a forma de ter um filho, os especialistas lembram sempre: a responsabilidade é a mesma.

São unânimes em afirmar que para adotar é fundamental estar disposto a um ato de extrema doação de amor. Exatamente como deve ser a maternidade e paternidade biológica responsável.

Nasce um pai, uma mãe, uma família

Como se preparar emocionalmente para receber uma criança

O preparo emocional pré-adoção é muito importante e diverso. Para um casal que fez tratamento, mas não conseguiu ter filhos biológicos, aconselha-se antes de qualquer passo trabalhar o luto pela impossibilidade de gerar.

Um solteiro precisa enxergar o filho como alguém para amar e de quem vai cuidar, não como uma companhia para suprir a carência ou a solidão.

Famílias que já têm filhos biológicos devem prepará-los para receber o irmão adotivo. Participar de grupos de apoio (veja sugestões na pág. 22) pode auxiliar nessa preparação. Nas



reuniões, os adotantes trocam experiências e dicas para ajudar a vivenciar uma fase que pode ser encarada como uma gestação de tempo indeterminado. “Se o casal faz muitas exigências em relação ao perfil do filho, pode demorar anos para encontrá-lo. Mas se não há tantas restrições, esse filho ‘nasce’ de repente. A gestação do filho adotivo é uma gravidez que está na cabeça e no coração”, explica a psicóloga Maria Tereza.

As famílias devem estar cientes de que passarão pelo que Maria Tereza chama de “teste do amor”. Crianças abandonadas, que viveram em abrigos, às vezes têm reações inesperadas, que podem se manifestar com atitudes agressivas. Afinal, independentemente da idade, ainda não sabem viver numa estrutura familiar.

O período de adaptação dessa criança ao novo lar pode não ser fácil. Alguns não aceitam os limites impostos pela nova família, que deve estar munida de muito amor, persistência e paciência para vencer desafios como esse.

Gestação afetiva

A professora Hália Pauliv de Souza tem duas filhas adotivas. Autora do livro “Adoção – Exercício da Fertilidade Afetiva” (Ed. Paulinas), coordena um grupo de apoio a pretendentes à adoção, em Curitiba (PR), chamado Adoção Consciente (www.adocaoconsciente.com.br). Ela compara a espera pela adoção a um parto sem data marcada e sem barriga. Sua dica para esse período de pré-adoção é paciência. Ela também considera essencial que sejam gerados psicologicamente e emocionalmente os laços de afeto – a serem estabelecidos durante a convivência –, que irão oferecer a segurança de que pais e filhos necessitarão.

Assim, para que o processo de fertilidade afetiva seja bem-sucedido, os futuros pais precisam considerar a adoção em múltiplos aspectos: legais, psicológicos, financeiros, familiares e sociais. “A adoção é apenas o processo para ter um filho. Depois de concluída, será apenas uma etapa da vida dos pais adotantes e do filho adotado. Dali para a frente, acaba o “filho adotivo” e começa a fase de filho e ponto final”, diz a professora.

Há quem não passe pelo período de “gestação afetiva” e adote uma criança sem o devido preparo emocional. O resultado mais traumático desse processo pode ser a devolução da criança, o que pode gerar mais problemas para essa criança em função de um segundo abandono. Como evitar isso? “Muitos pretendentes fantasiam um filho sonhado, mas o que existe é uma criança real.

Como a realidade não corresponde ao idealizado, devolvem a 'criança-objeto', lamenta Hália. "É importante lembrar que filho é para toda a vida, não tem certificado de validade e, sobretudo, vai crescer e se transformar em adulto", diz.

Preparar o quarto, comprar roupas e brinquedos para esperá-los é gostoso, mas não é tudo. Para quem vai iniciar o processo de adoção ou já está aguardando a criança chegar, buscar ajuda, saber as reais dificuldades e estar preparado para elas é mais valioso do que qualquer móvel ou presente.

Quem pode adotar?

Qualquer homem ou mulher maior de 18 anos e com uma situação socioeconômica estável, ou seja, capaz de se manter financeiramente e manter uma família. A pessoa precisa também ser pelo menos 16 anos mais velha do que quem será adotado. Não é preciso ser casado. Viúvos, divorciados e solteiros podem adotar sem problemas. Porém, para que um menino ou uma menina sejam adotados por um casal, deve haver uma união civil estável entre eles.

Antes de adotar, pergunte a você mesmo:*

- É um real desejo de exercer a paternidade ou maternidade?
- Substituir um filho que perdeu?
- Ter uma companhia?
- Como foi o seu relacionamento com seus pais? Era uma relação harmoniosa ou de conflito?
- Como se imagina como pai/mãe?
- Qual será sua postura em relação ao filho adotivo?
- Se for um casal, como é o relacionamento entre eles?
- Se o casal já tiver filhos, por que querem mais um e o que os filhos pensam sobre a possibilidade da adoção?

*O ideal é que todas essas questões sejam amplamente debatidas em família ou com um profissional, que pode ser um psicólogo ou um grupo de apoio à adoção.

Planejamento

Como se prepara a chegada de um filho adotivo? É parecido com uma gravidez?

A pré-adoção é uma gravidez psicológica e surpreendente. Só que o filho pode nascer pequeno ou um pouco maior. Ele também já vem com um nome e uma história de vida. Por isso, além do preparo emocional, você também deve estar pronto financeiramente e logisticamente.

É importante fazer um enxoval – que pode ser em forma de poupança. “Não adianta preparar as roupas antes de saber qual o tamanho do seu filho. Mas você pode comprar um armário, cobertores, toalhas de banho”, ensina a professora Hália. Para o restante, como a cama, por exemplo, é melhor guardar dinheiro e providenciar depois do anúncio da chegada da criança.



Conheça outras dicas:

- Enquanto espera o filho, tente observar as crianças nas saídas das escolas, shoppings e parques. Assim se comportam crianças reais;
- Não exagere nos brinquedos e mimos, vá devagar;
- Informe-se com o seu plano de saúde como funciona a inclusão de dependentes (os valores costumam variar de acordo com a faixa etária);
- Escolha um pediatra depois de fazer uma boa pesquisa, desde o início do processo de adoção;
- Ao visitar a instituição onde seu provável filho vive, anote a ficha médica, vacinas etc.;
- Pesquise as escolas, é importante que seja uma instituição preparada e aberta para receber sua criança.

Devagar e sempre: o desafio da escola

Espere seu filho estar adaptado à nova casa e depois inicie a introdução ao novo núcleo escolar

Se seu filho está em idade escolar e você fará uma transferência de escola, primeiro aguarde a adaptação à nova casa.

A professora Hália explica: “Matricular de imediato numa escola de elite pode não ser uma boa ideia. A criança corre o risco de ser excluída pelos outros alunos ou virar alvo de curiosidade”.

Ao matricular seu filho, conte a história dele, só assim a instituição poderá ajudá-la nesse trabalho de adaptação. Lembre-se: amor e verdade são os melhores antídotos contra eventuais maldades.

Para a psicóloga Melina Blanco Amarins, que atua na maternidade e na pediatria do Hospital Albert Einstein, a escola pode desenvolver um trabalho sobre preconceitos e adoção com o objetivo de desmistificar todos os fantasmas sobre esse assunto. Dessa maneira, a criança poderá perceber que cada uma tem diferentes pais, que não são necessariamente todos parecidos, principalmente nos dias atuais, que há diversas formas de constituição familiar.

Durante o processo de adoção, antes de a criança mudar-se para o novo lar, a convivência familiar vai se intensificando gradualmente. Imagine que ela precisa primeiro se sentir forte e segura nesse novo ambiente, para só depois encarar as novas inseguranças, que são naturais e acontecem com todas as crianças ao ingressar na escola.

Pense na seguinte figura: é necessário pisar com os dois pés firmes em um degrau para subir o próximo. A criança precisa estar certa de que, se tiver algum medo na escola, pode contar com o apoio em casa. Se nenhuma dessas bases estiver fortalecida, o resultado será medo e confusão emocional.

Não há receita, mas é preciso compreender que essa criança já foi abandonada e, para sobreviver, criou novos vínculos na instituição em que vivia. Ir para a casa nova, por melhor e mais esperado que seja, é também passar por uma nova perda, uma quebra de vínculo. Tenha paciência, acolha, converse. O segredo é sempre o amor e demonstrações claras de que a família “é para valer”, que ela pode se sentir segura, que o elo não será novamente cortado.

Uma nova grande família

Em casa vai tudo bem, mas como agir quando o preconceito vem dos tios, primos, avós ou núcleo escolar?

O núcleo familiar secundário, que inclui avós, tios, primos e amigos próximos, deve passar pelo período

de preparação, por intermédio dos pais. “Em geral, as crianças são bem aceitas pela família extensa, se houver diálogo e preparo”, diz Hália.

Ainda assim, é bom estar pronto: o casal adotante pode ter superado o preconceito, mas outras pessoas da família talvez tenham um olhar equivocados sobre o tema.

Nos momentos mais difíceis, você pode até ouvir comentários do tipo: “Eu disse que seria uma loucura adotar”. Ou o clássico: “Não diga que não avisei”.

Mesmo os adultos experientes sentem dificuldades em aceitar novas realidades. A melhor saída para esse tipo de situação é contrapor com diálogo, mostrando que a sua família “veio para ficar”, que você ama seu filho e quer que ele seja respeitado.

Maria Tereza diz que não é tão raro esse tipo de problema nas famílias grandes. A psicóloga conta que a maior parte do preconceito é contra crianças maiores e àquelas que têm tipos físicos diferentes da família adotante.

Os especialistas costumam recomendar grupos de apoio para pais que lidam com qualquer tipo de dificuldade familiar com parentes. Outra dica: livros e filmes sobre o assunto podem ser aliados nesse caminho (veja lista de recomendações nas págs. 23, 24 e 25).



A "síndrome do coitadinho"

E se em algum momento eu ouvir "coitado, ele é adotado"? Como reagir?

Quem responde é a psicanalista de adultos e crianças Luciana Saddi, membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e também autora de diversos artigos científicos. “Quando há conflitos e desconfiças por parte de quem adota, a síndrome do ‘coitado, ele é adotado’ pega e contagia. A adoção pode gerar sim muitas fantasias preconceituosas nos pais adotivos, nos amigos, nas outras mães da escola e nos colegas das crianças adotadas. Fantasias relacionadas à origem da criança, ao pouco ou muito que se sabe sobre sua história, costumam alimentar esses temores.

Alguns pais não se sentem legitimados, outros ainda temem a volta da mãe biológica requerendo o que lhe é de direito. E há aqueles que realmente acreditam que a rejeição pela mãe biológica deixa marcas profundas e insuperáveis – há inúmeras versões desse tipo de medo e insegurança.

Sendo assim, a primeira coisa a fazer é nomear os conflitos internos e as fantasias ligadas à adoção para enfrentar os preconceitos. A superação desse preconceito pode ocorrer à medida que ele é compreendido e analisado profundamente. A psicoterapia de família e de crianças oferece excelentes recursos para esse tipo de enfrentamento. O conhecimento é a melhor forma de superar os preconceitos. Pais que veem o processo de adoção como algo positivo e construtivo geram filhos adotivos confiantes.

Pais e filhos confiantes não deixam a síndrome do coitado pegar e terão as melhores respostas, na ponta da língua, para ocasiões desse tipo.

“Pais que veem o processo de adoção como algo positivo e construtivo geram filhos adotivos confiantes”

Como lidar com crianças com deficiência?

Você pode descobrir depois da adoção ou optar por adotar uma criança deficiente. De qualquer forma, a exigência de amor e cuidados é maior

Adotar crianças com deficiência torna maior o desafio da adoção. Pais biológicos, muitas vezes, são pegos de surpresa por problemas que não puderam ser detectados durante a gestação.

Muitos se adaptam e a maior parte deles precisa de apoio para passar da fase da negação para a da aceitação. Portanto, não fique intimidado se sentir necessidade de conversar e pedir ajuda profissional para aprender a lidar com a situação.

Quem escolhe uma criança que necessitará de cuidados específicos tem a chance de se preparar com mais cuidado e tranquilidade para essa vivência, está um passo à frente de quem é pego de surpresa. “Tanto filhos adotivos quanto biológicos podem ter necessidades difíceis de detectar quando bebês, e os pais só percebem com o passar do tempo. O modo de lidar será o mesmo. É preciso, sempre, ter disponibilidade. E muito amor”, conclui Maria Tereza Maldonado.

Onde buscar ajuda

Há lugares especializados em aconselhar e auxiliar quem tem filhos deficientes. Conheça algumas dessas instituições:

- Deficiência visual: Laramara – Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual (www.laramara.org.br)
- Deficiência motora: Associação de Assistência à Criança Deficiente (www.aacd.org.br)
- Deficiência mental: Movimento Apaeano (www.apaebrasil.org.br)

Outras:

<http://www.iris.org.br/>

<http://www.ibr.gov.br/>

<http://www.aacd.org.br/>

<http://www.apaebrasil.org.br/>

<http://www.deficiente.com.br/site/>

<http://www.ibdd.org.br/>

<http://saci.org.br/index.php?modulo=akemi¶metro=2044>

<http://www.laramara.org.br/portugues/index.php>

<http://www.soleis.com.br/deficiencia.htm>

<http://www.avape.org.br/portal/pt/contato.html>



Novas configurações familiares

Amenizam ou acentuam os dilemas que podem gerar a adoção?

“A amenização do preconceito ocorre quando se compreende que os laços familiares são construídos por afeto, não somente por laços sanguíneos e herança genética”, diz a psicanalista Luciana Saddi. A biologia não é o destino e a família nuclear é apenas uma forma de organização familiar. Há inúmeras maneiras de as famílias se organizarem e se legitimarem fora dos parâmetros tradicionais. Historicamente, a família nuclear tradicional tem por volta de 200 anos.

As pesquisas no campo da psicologia não indicam, por exemplo, que os filhos criados por casais com a mesma orientação sexual tenham mais problemas emocionais do que os de pais heterossexuais. “Mas as pesquisas indicam que a mentira e o não dito sobre os acontecimentos familiares causam adoecimento psicológico”, afirma a psicanalista.

A história de Hália

“Se eu soubesse quanto é bom, teria adotado mais duas”

A bióloga Hália Pauliv de Souza, 74 anos, de Curitiba, adotou duas filhas nos anos 70. Na época, ainda recém-casada, sonhava com uma família grande. Na impossibilidade de engravidar, partiu para a adoção. Hoje, diz que teria adotado mais duas, caso imaginasse antes as delícias de ser mãe.

Viúva desde 2008, ela é a presidente do Grupo de Apoio Adoção Consciente, na capital paranaense, desde 1998. Nesse período, escreveu e lançou diversos livros sobre o tema. Um deles é “Adoção: o amor faz o mundo girar mais rápido” (Ed. Paulinas).

Quantos anos tinham suas filhas quando você as adotou? São irmãs biológicas?

Minha adoção foi nos anos 70 e a lei era outra. Uma chegou em casa com quatro dias e a outra com 12. Tinham dificuldades – uma sofria com hemangioma (aumento dos vasos sanguíneos) e outra tinha só 10% de visão, além de infecção hospitalar. Tudo isso passou. Hoje, estão com 39 e 38 anos, casadas, pós-graduadas e felizes. Não são irmãs consanguíneas.

Fale um pouco da decisão de adotar e do momento em que você as encontrou.

A decisão de adotar surgiu do insucesso de engravidar. Naquele tempo, não existiam os exames e tratamentos atuais. A adoção ilegal, clandestina, era comum. Mas nós não queríamos uma situação insegura. Procuramos informações e achamos o caminho da Justiça. Assim foi feito. Esperamos uma média de um ano para receber cada filha. O encontro é um verdadeiro parto espiritual, muito emocionante.

Qual foi o momento mais difícil do processo de adoção? Como você resolveu o problema?

A primeira dificuldade é a decisão, a renúncia de sua própria fertilidade. Há um luto. Depois, a ideia da adoção se insinua, cresce e você aceita essa gravidez psicológica, sem barriga, sem náuseas e sem data prevista para o parto. A espera é terrível. Quem decide adotar, quer o filho para ontem.

A chegada em casa é um verdadeiro furacão, mas tudo se ajeita. Sobre a escola: elas já foram matriculadas com o nosso nome. As que chegam grandes têm de usar o nome antigo até que a documentação, que sempre demora, fique pronta. Isso é um problema – que se resolve também, claro.

Qual a principal dica que você daria a quem está disposto a iniciar esse processo?

Seguir o caminho das pedras pela Justiça, ter paciência e se preparar muito.

Existe algo que você faria diferente, se pudesse começar tudo outra vez?

Sim. Teria adotado mais duas. Não sabia que daria conta nem quanto é bom ter família grande.

A história de Suzana

“Gerar uma criança nos torna genitores, somente seremos pais de uma criança se a adotarmos afetivamente”

A pernambucana Suzana Sofia Moeller Schettini, de 58 anos, é professora, terapeuta e mestre em psicologia clínica. Mais do que uma grande profissional, Suzana é dona de uma grande família, de cinco filhos. Dois deles são biológicos, nasceram quando ela estava no primeiro casamento. Mais tarde, adotou sozinha um filho com deficiência, que hoje está com 13 anos.

Quando se casou novamente, o segundo marido trouxe mais dois filhos adotivos para a relação. “Adoção é o processo de filiação fundado nos vínculos afetivos, a única forma de nos tornarmos pais de fato”, diz. Confira a seguir a entrevista e as dicas preciosas de Suzana, que é presidente do Grupo de Estudos e Apoio à Adoção no Recife (GEAD-Recife). “O nosso objetivo é acolher pais e filhos adotivos. No meu caso, trabalhar por uma nova cultura de adoção é a missão de vida pela qual optei.”

Quantos filhos você tem?

Com meu atual marido (segundo casamento), tenho cinco filhos. Duas filhas biológicas (35 e 31 anos) são fruto do meu primeiro casamento. Após o divórcio, adotei um menino sozinho, que foi também adotado por meu atual marido, após o nosso casamento. Esse meu filho, o Matheus, tem hoje 13 anos e é uma criança com deficiência. Quando casei com meu atual marido, ele tinha dois filhos adotados durante o casamento anterior. Atualmente, eles têm 38 (homem) e 33 anos (mulher). Eu os conheci aos 27 e 22 anos.

Sobre os adotivos, com quantos anos chegaram à sua casa?

Matheus foi adotado com dois meses e meio. Era órfão e fora abandonado no hospital, depois do falecimento de sua mãe, que morreu no parto. Matheus teve anoxia de parto e, em função disso, tem sequelas neurológicas que originaram dificuldades cognitivas e mentais que impedem o aprendizado e o desenvolvimento da linguagem. Os dois filhos do meu marido foram adotados bebês, logo após o nascimento.

Qual foi o momento mais difícil do processo? A espera? O dia em que a criança chegou em casa? A escola? Como você resolveu esses problemas?

Em relação ao Matheus, a adoção foi muito tranquila e nos trouxe muita felicidade. Pelo fato de ser especial, proporcionou a todos que com ele convivem a oportunidade de desenvolver estratégias e capacidades para lidar com sua singularidade. Tem sido uma bênção em nossas vidas! A preocupação é proporcionar-lhe todos os recursos necessários para o melhor desenvolvimento dentro de suas possibilidades. Atualmente, ele está numa escola inclusiva em uma classe regular, tem sessões de terapia ocupacional, fonoaudiologia, psicopedagogia e ludoterapia.

Qual a principal dica que você daria a quem está disposto a iniciar esse processo?

Em primeiro lugar, que tenha certeza de que a motivação que leva para a adoção realmente seja desejo de filho. Essa é a única motivação válida para adotar uma criança. A criança não pode ser adotada para servir de instrumento para resolver dificuldades existenciais, tais como garantir companhia para a velhice, resolver dificuldades no casamento, fazer caridade, etc. Os pretendentes à adoção devem se preparar psicologicamente para a chegada do filho adotivo. Tal qual na biologia, é necessário haver uma gestação psicológica. É importante que os pais leiam sobre o tema adoção, compartilhem suas dúvidas e ansiedades com quem já adotou e, preferencialmente, frequentem algum grupo de apoio à adoção em que possam conviver com outras famílias adotivas e pretendentes. É importante também compartilhar o desejo de adotar com as suas famílias para que estas tenham oportunidade de preparar-se para a chegada da criança adotiva. Se os adotantes forem um casal, é imprescindível que os dois estejam sintonizados e queiram adotar. O casal não é uma pessoa. É essencial que os dois estejam absolutamente seguros do desejo de adoção. Caso contrário, aquele parceiro que não estava querendo adotar terá muitas dificuldades para tornar-se pai ou mãe de uma criança que não desejou. E o sucesso da adoção estará em risco.

Existe algo que você faria diferente, se pudesse começar tudo outra vez?

Não. Faria tudo absolutamente da mesma forma. Eu desejei um filho. Matheus precisava desesperadamente de uma mãe. Graças a Deus, nos encontramos e somos muito felizes desde então.

Perguntas mais frequentes

por Milena Blanco Amarins - psicóloga da maternidade e da pediatria do Hospital Israelita Albert Einstein

1. Devo contar a verdade? Sempre?

Sim, a criança deve ter acesso à sua história de forma clara e verdadeira. Ela também tem direito por lei a ter acesso aos registros de seu processo de adoção quando quiser. Os pais podem ficar com medo de causar sofrimento e perder o filho, porém mentir pode gerar muito mais conflitos, ocasionando uma falta de confiança nos pais e uma obscuridade de sua própria história.

2. Qual a melhor idade para contar sobre a adoção?

Não há uma idade certa para contar. Porém, quanto mais cedo melhor. Os pais irão perceber que haverá momentos em que a criança começará a questionar sobre como os bebês nascem. Esse período acontece, mais ou menos, entre 3 e 5 anos. Converse com ela de forma natural e direta sobre o assunto.

Se a pergunta for: “De onde eu nasci?” Responda: “Da barriga”. Só mais adiante, a criança vai querer saber como. Aí, sim, será o momento de dizer que foi da barriga de uma mãe que não podia cuidar dela e, por isso, a mamãe e o papai a receberam com muito amor. Usar a palavra “escolhido” pode ser um grande trunfo. “Você foi o nosso escolhido” é uma frase acolhedora. Conte a história da adoção. Diga que você recebeu uma ligação, a emoção que o telefone trouxe, os preparativos, tudo que acabe com qualquer ideia que possa surgir sobre rejeição.

3. E se a criança descobrir antes por um acidente? Ao ouvir a conversa de algum adulto, por exemplo?

O ideal é que a criança saiba de sua história pelos próprios pais. Saber por outra pessoa pode ocasionar sentimentos de medo e traição. Se isso acontecer, os pais devem conversar de forma clara com a criança, acolhendo-a, demonstrando todo o desejo de tê-la como filha(o) e contar sobre todo o processo para que ela(ele) possa compreender a situação.

4. Filhos adotivos dão mais problemas do que filhos biológicos?

Os especialistas fazem coro para responder: “O comportamento dos filhos adotivos e filhos biológicos é o mesmo”. Nem pense nisso na hora de colocar limites nas crianças. Os pais devem ser firmes, demonstrando que elas não podem usar esse assunto para burlar as regras. Não tenha receio de que seus filhos deixem de gostar de você por estar agindo como pai/mãe.

A psicóloga Maria Tereza Maldonato aponta ainda: “Os estudos sobre violência mostram que é mais raro encontrar vítimas de violência doméstica entre filhos adotados. Esse crime é bem mais comum entre pais biológicos”.

O que comprova: vínculo biológico não é garantia de amor.

5. Quais podem ser os principais sentimentos de uma criança quando ela chegar à casa nova?

O acolhimento dos pais é sentido por todas as crianças e bebês. Sentimentos de insegurança e medo podem aparecer nos primeiros dias, sim, pois tudo que está ocorrendo é muito novo para todos. Os pais devem entender essa insegurança e não relacionar com algo pessoal, como se a criança não estivesse gostando deles.

O processo de adaptação é difícil e o tempo varia de criança para criança, de família para família. Mas há alguns sinais que demonstram quando você deve pedir ajuda de um profissional, um psicólogo ou assistente social. São eles:

- Comportamentos rebeldes que interfiram no cotidiano da família;
- Agressividade ou isolamento;
- A criança não quer ir para a escola (pode significar que algo não vai bem por lá).

A psicóloga Maria Tereza Maldonado costuma pedir para esses pais dobrarem a paciência. “Eles devem entender que uma reação agressiva muitas vezes significa apenas medo, receio de um novo abandono. Converse muito sobre esses sentimentos, repita quantas vezes forem necessárias e deixe a criança segura emocionalmente.”

6. Qual a pergunta mais temida pelos pais adotivos?

Sem dúvida é: “Por que minha mãe não me quis?”

A curiosidade faz parte do desenvolvimento da criança. Pode ser que ela peça para que os pais contem diversas vezes sobre sua adoção, exatamente como um filho biológico pede para que uma mesma história seja repetida várias vezes. Os pais devem contar tranquilamente e até demonstrar todo o processo de ansiedade pelo qual passaram esperando o tão desejado filho.

Muitos especialistas costumam ser bastante enfáticos: nunca fale mal do passado da criança ou da mãe e pai que a deixaram. Isso não ajuda e só a magoa mais. Diga que você a ama e a quer para sempre.

Não julgue ou dê sentenças sobre os pais biológicos, você não é o juiz. Você é um pai/mãe, alguém que escolheu ser para essa criança uma família.

7. Como funciona a licença maternidade/paternidade para quem adota?

A mãe adotiva tem direito à licença maternidade de 120 dias no caso de adoção de criança de até 1 ano; quando a criança tem entre 1 e 4 anos, a licença é de 60 dias; para crianças entre 4 e 8 anos, são 30 dias. O pai adotivo tem direito a cinco dias



Projetos, grupos e links úteis

Toda ajuda é fundamental nesse momento. Nos grupos de apoio, você encontrará outras pessoas que estão passando pelo mesmo processo. Trocar experiências e ouvir histórias pode ser uma maneira preciosa de aprender e tornar o caminho mais tranquilo. Conheça alguns deles:

Projeto Acolher - www.projetoacolher.org.br

Associação Nacional dos Grupos de Apoio a Adoção - www.angaad.org.br

Projeto Recriar - www.projetoarecriar.org.br

Projeto Aconchego - www.projetoaconchego.org.br

Filhos Adotivos do Brasil - www.filhosadotivosdobrasil.com.br

Quintal de Ana - www.quintaldeana.org.br



Hora da pipoca

Sugestão de filmes sobre laços afetivos, cuidado, relações humanas, úteis para vários momentos de uma família. Confira:

1. I am Sam - Uma lição de amor

Conta a história de Sam Dawson (Sean Penn), um homem com deficiência mental que cria sua filha Lucy (Dakota Fanning) com uma grande ajuda de seus amigos. Faz uma belíssima reflexão sobre a capacidade de cuidar, mostrando que não há limites quando existe amor.

2. Stuart Little I

Stuart era um rato abandonado que vivia num orfanato, até que a família Little decide adotar um irmão para seu filho George (Jonathan Lipnicki), e eles se apaixonam pelo carisma do pequeno ratinho.

3. Tarzan (desenho)

Tarzan é filho de ingleses, porém foi criado por macacos na África, depois da morte de seus pais. Seu verdadeiro nome é John Clayton III, Lorde Greystoke. Há uma versão mitológica, a história de Rômulo e Remo, que foram criados por lobos e posteriormente fundaram Roma.

4. Presente de grego

Em Manhattan, J.C. Wiatt (Diane Keaton), uma executiva de meia-idade que está prestes a atingir um dos postos mais altos da empresa em que trabalha, tem sua vida profissional e pessoal totalmente alterada quando "herda" a guarda de Elizabeth, uma menina que é filha de um parente distante que morreu.

5. Família do futuro

Lewis (Daniel Hansen) é um jovem responsável por invenções brilhantes e surpreendentes. Seu mais recente trabalho é o escâner de memória, uma máquina que o ajudará a encontrar sua mãe biológica, o que permitirá que ele enfim tenha uma família.

6. O jeca e seu filho preto

Filme brasileiro muito divertido de 1978. Zé e Bomba são os pais de um casal de filhos homens, Laurindo e Antenor. Mas Antenor é negro e seus pais são brancos, fato que o casal não entende, mas aceita como "coisa de Deus". No final, um crime acontece e revela o mistério do nascimento de Antenor.

7. O destino de uma vida

Khaila (Halle Berry), uma viciada negra, deixa o filho recém-nascido em uma caixa de papelão enquanto vai se drogar. Nesse meio tempo, a criança quase morre ao ser jogada em um caminhão de lixo, mas acaba sendo levada para um hospital, onde é salva e adotada por Margaret (Jessica Lange), uma assistente social branca que passa a criar a criança com todo o carinho, como se fosse seu filho.

8. Nós sempre te amaremos

Casal tem filhos gêmeos, um portador da síndrome de Down e outro com saúde fraca. O casal decide doar o primeiro a uma família de 13 filhos adotivos com o mesmo problema. Os avós maternos entram na justiça para impedir a adoção.

9. Lilo e Stitch – desenho

Lilo (Daveigh Chase) é uma pequena garota havaiana de 5 anos que adora cuidar de animais menos favorecidos e vive com sua irmã Nani (Tia Carrere). Certo dia, ela encontra um cachorro e decide adotá-lo. Entretanto, esse cachorro na verdade é Stitch (Chris Sanders), um ser alienígena que é um dos criminosos mais perigosos da galáxia. Para escapar da polícia, que ainda o persegue, Stitch esconde quatro de suas seis pernas e decide se fazer passar por um cachorro comum, desenvolvendo com o tempo um laço de amizade com Lilo.

10. Laços de afeto

Casal descobre que não pode ter filhos e decide adotar uma criança coreana. A esposa, mais do que o marido, desejava concretizar a adoção. Antes de o bebê chegar, a mãe descobre que tem uma doença.

Para ler antes e durante

Algumas sugestões de livros que podem auxiliar pais e mães adotivos ou que estão no processo de adoção

1. "Criança adotiva e suas famílias", Nazir Hamad, Companhia de Freud
2. "Adoção: significados e possibilidades", Leila Dutra de Paiva - Casa do Psicólogo
3. "Adoção: os vários lados desta história", Luiz Schettini Filho e Suzana S. M. Schettini (organizadores) - Edições Bagaço
4. "Adoção por homossexuais - fronteiras de família na pós-modernidade", Ana Paula Ariston Barion Peres - Editora Renovar
5. "Filhos da solidão: institucionalização, abandono e adoção", Lidia Weber e Lúcia Kossobudzki - Imprensa Oficial do Estado do Paraná
6. "Adoção tardia - da família sonhada à família possível"- Marлизete Maldonado Vargas - Casa do Psicólogo
7. "Aspectos psicológicos da adoção", Lidia Weber - Juruá
8. "Pais que educam - uma aventura inesquecível", Ceres Alves de Araújo - Ed. Gente
9. "Adoção - uma história pessoal", Sueli Trindade Ferreira - Ed. Vozes
10. "Adoção - exercício da fertilidade afetiva", Hália Pauliv de Souza - Ed. Paulinas



Passo a passo da adoção:

